

PEQUENO PRODUTOR DE LEITE C NO VALE DO PARAÍBA: VIVÊNCIA E EXPECTATIVA(1)

Malimíria N. Otani(2)
Terezinha J. Franca(2)
Fátima R. de Barros(2)

RESUMO

Embasado no conhecimento da história da formação sócio-cultural dos pequenos produtores de leite C nos municípios de Guaratinguetá e Cunha, esta parte do trabalho procura, considerando-se as peculiaridades da socialização deste segmento de produtores, demonstrar as suas percepções mais comuns e expressivas a respeito das organizações e dos serviços que permeiam sua atividade produtiva, assim como as suas expectativas sobre o futuro.

Palavras-chave: formação sócio-cultural, pequeno produtor, cooperativa, assistência técnica, adoção de tecnologia.

SMALL PRODUCERS OF TYPE "C" MILK IN THE PARAÍBA RIVER VALLEY: LIFE AND PROSPECTS

SUMMARY

The goal of this study is to demonstrate the more expressive perceptions of small producers of type "C" milk in the municipalities of Cunha and Guaratinguetá, concerning the organizations and services related to their activities. It was based on the knowledge of the farmers' history of socio-cultural constitution and their location as well as their prospects about future were considered.

Key-words: socio-cultural development, small farmer, cooperative, technical assistance, adoption of technology.

-
- (1) Este trabalho é parte integrante do projeto SPTC no 16-001/88, "Perfil Sócio-Cultural dos Produtores de Leite C no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo". Os autores agradecem a colaboração da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) pelo apoio financeiro, das Casas de Agricultura de Cunha e de Guaratinguetá, Cooperativa de Laticínios Paulista, das pessoas que auxiliaram na transcrição de fitas, de Lúcia M. de S. Freitas que prestou valioso auxílio no levantamento de dados, e dos Produtores que, ao contarem as suas histórias de vida, permitiram a reconstituição da trajetória de uma parcela social importante, na história do Vale do Paraíba. Recebido em 25/02/91. Liberado para publicação em 23/05/91.
- (2) Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

1 - INTRODUÇÃO

Continuando a linha de destacar os aspectos sócio-culturais de um segmento social e considerando a história de vida dos pequenos produtores (5) e as suas características peculiares de organização do trabalho e da família (6), e considerando-se as condições concretas de vida, relatados pelos produtores, o objetivo desta parte do trabalho é colocar como estes homens interpretam o trabalho de algumas instituições, como a cooperativa e assistência técnica e como reagem frente às dificuldades do dia a dia, e a partir daí qual expectativa tem em relação ao futuro.

2 - METODOLOGIA

Selecionou-se os municípios de Cunha e Guaratinguetá baseados no trabalho de MELLO (3) e determinou-se as amostras dos dois municípios seguindo-se os seguintes critérios: 1 - que fossem produtores de leite C com produção média diária igual ou inferior a 100 litros, 2 - que os produtores estivessem na atividade leiteira há pelo menos duas gerações.

Baseado no trabalho de TOLEDO (8), obteve-se a amostra baseada na partilha de Neyman, de COCHRAN (1). Como resultado obteve-se para o município de Guaratinguetá uma amostra de 32 elementos, divididos em 3 estratos, em respectivamente 16, 6 e 10. Enquanto que em Cunha o número de amostra foi de 34, respectivamente do 1o ao 3o estrato, 16, 8 e 10.

As informações foram coletadas através de duas metodologias distintas (5) : uma primeira parte consistiu de uma aplicação de questionários e a segunda de entrevistas baseadas em um roteiro pré-definido de questões a serem abordadas.

3 - A COOPERATIVA NA ÓTICA DOS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE

A cooperativa não se consti-

tui num instrumento de transformação de tendências estruturais, harmonizando segmentos produtivos, que conformam o desenvolvimento desigual da sociedade brasileira; mas compreende uma organização que viabiliza a existência desses segmentos. De acordo com MULLER (4), "... a função da cooperativa é diversa para os dois grandes grupos sociais que comporta: a primeira dá condições de capitalizar e, a outra, apenas de manter seu patrimônio. No entanto, a ambos, fornece os canais mercantis e financeiros indispensáveis às suas reproduções.

Desse modo, a cooperativa se caracteriza por ser uma organização peculiar, compreendendo interesses diversificados, muitas vezes contraditórios e até mesmo antagônicos, que em tese determinam os objetivos a curto, médio e longo prazos e os meios a serem alcançados. Constitui-se ainda, em "uma organização de auto-ajuda econômica e comunitária", a qual em meio a um mercado competitivo, tende, para sua própria sobrevivência, à inexorável expansão e diversificação de suas atividades econômicas.

Dois elementos propiciam tal peculiaridade a essa organização; o primeiro diz respeito aos serviços prestados e à distribuição dos excedentes, e o segundo, ao grau de participação dos cooperativados.

As cooperativas médias e grandes, principalmente, vêm ampliando a gama de serviços técnicos à disposição de seus associados, com um custo igualmente fixado para todos; quanto à distribuição dos excedentes, ela é efetuada de forma proporcional à quantidade de sua produção que o associado a ela destina, e ao valor de seus insumos e outros materiais que adquire na cooperativa.

Por outro lado, verifica-se que a participação no processo decisório da cooperativa, embora formalmente aberto a todos os associados, independentemente do valor do patrimônio de cada um, é restrita ao grupo de maior renda; sendo, inclusive, constatado que

quanto maior o quadro social da cooperativa, menor é o grau de participação daqueles produtores mais pobres, os quais revelam um alto nível de desconhecimento dos princípios básicos que regem a atuação de qualquer cooperado no processo decisório.

No entanto, apesar de tal distorção que se observa no aspecto participativo dos pequenos produtores, a cooperativa se constitui no único meio que eles possuem de obter um retorno mínimo garantido sobre a produção realizada. E isto não é pouco, pois é através desse retorno que a propriedade e/ou posse de suas terras lhes é assegurada e, em consequência, a sua manutenção na atividade rural.

No caso dos pequenos produtores de leite do Vale do Paraíba, a cooperativa configura-se como elemento vital para sua reprodução.

A historiografia desses produtores revela que o sistema de produção mais frequente era o cultivo de produtos de subsistência da família, e de criação. Tal fato era particularmente verdadeiro para aquelas propriedades mais isoladas ou localizadas mais distantes das cidades. Assim é que em Cunha, dada a sua geografia notadamente montanhosa, a grande maioria dos pequenos produtores amostrados, 93,9%, declara obter uma maior auto-suficiência no que diz respeito aos produtos voltados para o consumo (arroz e feijão), enquanto em Guaratinguetá verifica-se uma proporção bem menor, 54,2%. Outros dados comprovam tal fato: em Guaratinguetá, 55,6%, dos produtores amostrados abastecem-se nos supermercados e armazéns da cidade. Enquanto que os produtores de Cunha, somente 35,7% compram mantimentos no centro comercial, a maior parte destes produtores (64,3%) compram em pequenos armazéns situados na zona rural.

Ainda hoje perdura a prática de cultivar arroz, feijão, basicamente para consumo familiar, e o milho para alimentação dos animais no dois municípios (quadro 1).

Além dos alimentos para

subsistência, a família tem que produzir para o mercado. A opção possível foi a produção de leite, estimulada pela criação de cooperativa fundada para atender a demanda de leite dos grandes centros urbanos, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro.

Com a criação da Cooperativa, os numerosos pequenos produtores que já tinham uma pequena infra-estrutura leiteira doméstica passam a investir mais nesta atividade, possibilitando a reprodução social de várias gerações, mesmo que em alguns períodos, de forma bastante precária. Em outras palavras, a cooperativa se constitui para esses produtores num mecanismo de sobrevivência, principalmente, através da garantia de comercialização de sua produção.

O depoimento de um dos entrevistados indica como pode ter sido o ingresso de muitos produtores no sistema de cooperativa: " - eu comecei a produzir leite porque eu achava bonito, a cooperativa não vendia para quem não era produtor..., então eu agarrei a trabalhar por aquele caminho e comecei com um gado à meia para tirar leite e daí eu principiei..." (há aproximadamente 25 anos).

A cooperativa desses pequenos produtores não implicou em qualquer alteração radical de sua produção neste primeiro momento, mas significou uma transformação profunda de sua relação com o mercado. Dado que, os primeiros produtores comercializavam sua produção agrícola com dificuldades, primeiro, devido à instabilidade do mercado da época, o que muitas vezes não lhes propiciava demanda contínua; e, em segundo lugar, devido à precariedade dos caminhos que ligavam os estabelecimentos rurais aos centros de abastecimento. Já com a cooperativa ocorre o escoamento seguro e contínuo da produção, com um pagamento mensal garantido, apesar de ainda hoje, principalmente em períodos de muita chuva, número significativo de produtores, localizados em bairros distantes de Guaratinguetá e de Cunha te-

QUADRO 1.- Frequência de Produtores de Acordo com o Destino da Produção
Municípios de Guaratinguetá e Cunha, Estado de São Paulo, 1988/89

(em %)

Cultura	Guaratinguetá		Cunha	
	Consumo	Comercialização	Consumo	Comercialização
Arroz	66,6	33,4	100,0	0,0
Milho	100,0	0,0	66,7	33,3
Feijão	45,4	54,6	17,3	82,7
Outros(1)	28,6	71,4	25,0	74,0

(1) Inclui batata, mandioca, horta e pomar.

Fonte: Dados da pesquisa.

rem que transportar o leite em animais de carga até o ponto combinado com o caminhão responsável pelo recebimento do produto.

Apesar da vantagem da comercialização garantida e do acesso aos produtos necessários à atividade agropecuária, os produtores que antes organizavam os gastos, conforme o lucro da lavoura e do leite mesmo que não fizessem um acompanhamento contábil dos gastos da produção, tinham noção do quanto podiam dispor; já como cooperativados, segundo relatam, ficam impossibilitados de prever quanto terão a receber no final do mês, fato este agravado principalmente no estrato de menor produção dos dois municípios.

Esta situação pode ser explicada pelo fato de a maioria dos produtores não manterem contabilidade dos gastos realizados, como também, por não compreenderem os critérios de desconto efetuados pela cooperativa, o que os leva ao desconhecimento do valor líquido da sua produção, que deverão receber.

A reclamação mais frequente é o pagamento de fretes do leite, seja referente ao percurso da fazenda à usina, considerado excessivo principalmente pelos produtores que moram mais distantes, seja referente ao trajeto da usina até São Paulo, este último interpretado como injusto, pois não se consideram mais responsáveis pela carga.

O baixo preço do leite é outra fonte de descontentamento. Muitos acreditam que a cooperativa é que determina o preço a ser pago: "— eu acho que dava para pagar um preço melhor, mas eles acham que não podem pagar..." Para justificar, ele contrapõe o preço do leite aos de outros produtos, principalmente aos dos insumos com preços cada vez mais elevados: "— o leite é muito barato... todo o lucro que você tira fica na despesa com o gado, então não compensa...", e ainda, "o refrigerante custa mais que um litro de leite".

A cooperativa não é concebida por muitos como uma instituição na qual são associados: pelo contrário, a avaliação é que nada tem a ver com os interesses dos produtores, ao agir com muita complexidade e pouca transparência nos descontos e nos fornecimentos de serviços.

Mesmo a distribuição anual das cotas é vista como insignificante para eles, sendo que para alguns produtores chega a ser considerado aviltante o valor pago referente a tais cotas. Tais casos demonstram o nível de desconhecimento que prevalece entre esses produtores, acerca das razões que norteiam todos os procedimentos adotados pela cooperativa. Tal desconhecimento, sem dúvida, é produto da ausência de uma política de esclarecimento voltada a todos os cooperados. Inclusive, parece bastante plausível se pensar que um dos fatores inibidores da participação no processo decisório no âmbito da cooperativa é, exatamente, a falta de informações contínuas, pertinentes, sistematizadas e de fácil entendimento a todos os produtores cooperativados.

Contraditoriamente, no entanto, percebe-se que apesar desses aspectos negativos salientados pelos produtores, eles também reconhecem a importância da cooperativa. Pois, ao propiciar uma renda mensal proporcional ao volume de leite entregue e com a venda dos produtos necessários à alimentação do gado, sementes, maquinaria e mesmo gasolina e roupas, a cooperativa permite o desenvolvimento da atividade na propriedade e a satisfação de algumas necessidades básicas da família. É claro que quanto maior a aquisição torna-se maior a dependência com essa organização, tendo em vista a elevação constante dos preços destes produtos que fogem ao controle do produtor. No caso, portanto, a cooperativa cumpre importante papel na reprodução destes pequenos produtores, possibilitando a atividade— mesmo que de forma precária e deficitária. Portanto, a cooperativa representa a se-

gurança de um rendimento mensal, que para muitos destes pequenos produtores é encarado como um salário. Este fato demonstra a percepção não rara e equivocada, da cooperativa como organização empregadora e não como entidade associativa, cuja ação se pautaria pelos interesses de seus produtores-membros,

A manutenção desta situação interessa a vários setores da sociedade: ao consumidor de leite C, ao Estado e, principalmente, às indústrias de laticínios que contam com um produto de preço menor mesmo que com qualidade inferior. Pois, afirma FLEURY (2): "para este produto ser produzido a este preço não é possível remunerar o capital investido na produção, nem a terra. Ele poderá ser produzido somente por unidades produtivas, que embora integradas ao mercado, não são regidas pela lógica do capital, isto é, unidades cujas condições de reprodução podem ser expressas no chamado "preço de resistência", que na conceituação de Nakano, deve apenas repor os custos de produção e o custo de reprodução (da família), não incluindo lucro nem renda da terra".

4 -A ASSISTÊNCIA TÉCNICA NA VISÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE

Um aspecto a ser abordado sobre este tópico refere-se à utilização da assistência técnica fornecida pela cooperativa para boa parte dos produtores em questão.

É unânime dentre os produtores tanto de Guaratinguetá como de Cunha, a informação de que seus antepassados não tiveram orientação técnica de nenhuma espécie: " - foi aprendido na prática só, naquela época, até assistência médica para o ser humano era difícil". A criação da cooperativa, neste sentido, veio suprir esta carência, pois "se antes era cada um por si, agora meu pai vive na Casa de Agricultura e na Cooperativa para se informar".

Em Guaratinguetá, todos os

produtores recorrem, alguns mais, outros menos, à assistência técnica, sendo a Cooperativa a instituição mais requisitada (87,5% dos casos). Já a Casa de Agricultura foi citada por somente 12,5% dos produtores da amostra (quadro 2).

A demanda pela assistência técnica em Guaratinguetá corresponde em 80% dos casos à procura de atendimento veterinário, principalmente para o gado, e em 20% à busca de orientação agrônômica (quadro 3).

No ano de 1988, 18,1% dos produtores do estrato 1 de Guaratinguetá não procuraram assistência técnica, é o maior índice dentre os estratos; 50,0% requisitaram auxílio entre uma e duas vezes; 25,0% entre três e quatro vezes; e somente 6,2% dos produtores recorreram à assistência técnica mais de sete vezes (quadro 4).

No estrato 2, 16,7% não utilizam assistência técnica e 83,3% requisitaram no máximo duas vezes. O estrato 3 possui comportamento diferenciado em relação aos demais, pois a grande maioria dos produtores deste estrato (80,0%) recorre à assistência técnica com muito maior frequência, entre cinco e quinze vezes ao ano. Cabe destacar, que entre estes produtores 75,0% dos que requisitaram assistência técnica de oito a quinze vezes não moram na propriedade.

Aqueles produtores que responderam não ter procurado a assistência técnica no ano de 1988, justificaram tal fato, ou por entenderem que o conhecimento que possuíam era suficiente para resolver os problemas ou por terem sentido dificuldades no atendimento prestado, seja pela cooperativa, seja pela Casa da Agricultura.

No município de Cunha, a grande maioria dos produtores da amostra, 93,3%, utilizam somente a assistência técnica da cooperativa e, apenas 6,7% fazem uso também dos serviços da Casa da Agricultura. Ressalte-se, ainda, que somente no estrato 2 aparecem os produtores que utilizam os

QUADRO 2.- Produtores que Utilizam Assistência Técnica, por Instituição Fornecedora e Estrato de Tamanho, Município de Guaratinguetá, Estado de São Paulo, 1988/89

Instituição	Número			Percentual				
	1	2	3	Total	1	2	3	Total
Casa da Agricultura	2	1	1	4	12,5	16,7	10,0	12,5
Cooperativa	14	5	9	28	87,5	83,3	90,0	87,5
Total	16	6	10	32	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 3. - Recurso à Assistência Técnica, Segundo o Tipo de Orientação Necessária, por Estrato de Tamanho, Município de Guaratinguetá, Estado de São Paulo, 1988/89

Orientação	Número			Percentual				
	1	2	3	Total	1	2	3	Total
Veterinária	14	7	11	32	82,4	87,5	73,3	80,0
Agronômica	3	1	4	8	17,6	12,5	26,7	20,0
Total	17	8	15	40	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 4.- Frequência de Utilização de Assistência Técnica, por Estrato de Tamanho, Município de Guaratinguetá, Estado de São Paulo, 1988/89

Frequência (no.)	Número						Percentual		
	1	2	3	Total	1	2	3	Total	
0	3	1	0	4	18,1	16,7	0,0	12,5	
1 a 2	8	5	1	14	50,0	83,3	10,0	43,8	
3 a 4	4	0	1	5	25,0	0,0	10,0	15,6	
5 a 7	0	0	4	4	0,0	0,0	40,0	12,5	
8 a 15	1	0	4	5	6,2	0,0	40,0	15,6	
Total	16	6	10	32	100,0	100,0	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

serviços da entidade estatal, enquanto que nos estratos 1 e 3, todos recorrem exclusivamente à assistência técnica prestada pela cooperativa (quadro 5).

Da mesma forma que em Guaratinguetá, a maior parte das solicitações de assistência técnica dos produtores de Cunha prendeu-se a questões de veterinária (88,1%), e uma reduzida parcela a orientação agrônômica (11,9%) (quadro 6).

No estrato 1 de Cunha, parte significativa dos produtores entrevistados não procuraram qualquer tipo de assistência técnica no ano de 1988 (37,5%); e, por outro lado, a maior parte do contingente de produtores que recorreram à assistência técnica fizeram-no uma ou duas vezes no ano (quadro 7).

Os produtores do estrato 2 foram os que mais procuraram a assistência técnica, sendo que 50,0% o fizeram numa frequência de até duas vezes no ano e 25,0% de três a quatro vezes.

Entre os três estratos é no último que se encontra a maior parcela de produtores que não recorreram à assistência técnica em 1988 (44,5%). Os que neste período não recorreram à Casa de Agricultura e/ou cooperativa utilizaram-se, quase que na mesma proporção, dos argumentos usados pelos produtores de Guaratinguetá, isto é, 70,0% tinham conhecimento suficiente para solucionar os problemas e 30,0% não procuraram porque sentiram dificuldades em serem atendidos.

O que podemos apreender em relação aos dois municípios é que em Guaratinguetá os produtores requisitaram serviços técnicos com maior frequência que em Cunha,

Enquanto 12,5% do total dos produtores de Guaratinguetá não recorreram à assistência técnica, em Cunha este percentual sobe para 33,3%. Para os casos em que recorreram de uma a duas vezes, as médias são semelhantes, 43,8% e 42,2%, respectivamente. No entanto quando a frequência é superior a duas vezes ao ano, verifica-se um

percentual maior de ocorrência em Guaratinguetá (43,7%) que em Cunha (24,3%).

O que se pode concluir em relação ao tipo de assistência técnica requisitada pelos produtores de leite C, nestes dois municípios, é que a demanda por alguma, forma de orientação veterinária é predominante, o que demonstra uma grande preocupação com a saúde do pasto e de outras culturas.

Os dados da pesquisa mostram que, em termos de assistência técnica, a cooperativa é mais utilizada pelos produtores por ser acessível na medida em que está em contato direto e frequente com o cooperado e por ser melhor estruturada para atendê-los. Apesar de a cooperativa cobrar os serviços de assistência técnica que presta, tal fato parece não se constituir em empecilho aos produtores, porque o valor devido é somado aos outros gastos efetuados no mês e descontado somente no dia do pagamento.

No entender dos produtores entrevistados, o fato de a Casa de Agricultura ser pouco utilizada decorre da falta de informações sobre os serviços prestados pelo órgão e também da demora, ou mesmo, o não atendimento dos serviços demandados.

Já no entender dos técnicos, a Casa de Agricultura carece de uma infra-estrutura mais eficiente, o que vem prejudicando, quando não impedindo o atendimento à assistência requisitada, sendo também um agravante a baixa remuneração e o desestímulo frente à atual carência de recursos.

5 - ADOÇÃO DE TECNOLOGIA

As entrevistas realizadas mostram que para estes produtores de leite não houve ao longo do tempo nenhuma inovação tecnológica suficientemente marcante, que ficasse presente na lembrança do produtor.

É interessante notar que os produtores, quando questionados sobre o trabalho passado, frequentemente respondem que nada ou pouca coisa se

QUADRO 5.- Produtores que Utilizam Assistência Técnica, por Instituição Fornecedora e Estrato de Tamanho, Município de Cunha, Estado de São Paulo, 1988/89

Instituição	Número			Percentual				
	1	2	3	Total	1	2	3	Total
Casa da Agricultura	0	2	0	2	0,0	25,0	0,0	6,7
Cooperativa	14	6	8	28	100,0	75,0	100,0	93,3
Total	14	8	8	30	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 6.- Recurso à Assistência Técnica, Segundo o Tipo de Orientação Necessária, por Estrato de Tamanho, Município de Cunha, Estado de São Paulo, 1988/89

Orientação	Número			Percentual				
	1	2	3	Total	1	2	3	Total
Veterinária	17	10	10	37	94,4	83,3	83,3	88,1
Agronômica	1	2	2	5	5,6	16,7	16,7	11,9
Total	18	12	12	42	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 7.- Frequência da Utilização de Assistência Técnica por Estrato de Tamanho, Município de Cunha, Estado de São Paulo, 1988/89

Frequência (no.)	Número			Percentual				
	1	2	3	Total	1	2	3	Total
0	6	1	4	11	37,5	12,5	44,5	33,3
1 a 2	7	4	3	14	43,8	50,0	33,3	42,4
3 a 4	1	2	0	3	6,2	25,0	0,0	9,1
5 a 7	2	0	0	2	12,5	0,0	0,0	6,1
8 a 15	0	1	2	3	0,0	12,5	22,2	9,1
Total	16	8	9	33	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

alterou desde os tempos dos pais. No entanto, quando se insiste nesta questão, colocam as mudanças que foram introduzidas na atividade. Em geral, referem-se ao cuidado com o cruzamento e no trato do gado " - não há diferença (no jeito de trabalhar), eles não tratavam o gado, agora tratam mais", ou " - eu hoje trato melhor porque, hoje em dia, se não tratar bem não dá produção. Naquele tempo quase não precisava tratar porque os pastos eram bons...".

O que podemos apreender, neste aspecto, é que ao contrário do que ocorreu com algumas culturas, em que a mecanização foi o fator de alteração da organização do trabalho e da melhoria da produtividade, na pecuária leiteira a evolução tecnológica desta parcela de pequenos produtores tem ocorrido de forma bastante lenta.

Para se ter uma idéia da concepção que estes produtores tem da atividade antigamente e hoje traça-se um paralelo utilizando os seus próprios discursos: com relação aqueles produtores que lembram com certo saudosismo de antigamente é comum verificar a seguinte concepção: "Naquele tempo tinha mais facilidade, mais largueza, mais palhada pro gado e não tinha muitos remédios como tem agora. A pastagem antes era melhor, o gado era melhor que hoje... antes não precisava de tanto dinheiro como agora...".

Quanto aos que não percebem as diferenças entre o ontem e o hoje dizem: " - a diferença eu acredito que seja pouca porque o gado é o mesmo e o jeito de trabalhar também". Já os que percebem alguma diferença relatam: "tudo igual, a única coisa que modificou é que agora se trata do gado na época da seca"; "é a mesma coisa, não tem diferença, só veterinário que hoje tem mais fácil, naquela época não tinha"; "diferença acho que quase não tem. No caso melhorou mais porque não tem esse problema de doença que tinha antes, melhorou. Mas também ficou difícil... toda vida vinha gente procu-

rar serviço, hoje, ou a gente faz ou então fica tudo sem fazer...".

Apesar das visões diferenciadas dos produtores, eles apresentam em comum a ausência de dinamismo no trato da atividade pecuária. Isto se deve, é claro, a vários fatores: primeiro, a sua situação economicamente deficitária; segundo, ao quase isolamento em que vivem, que não propicia a troca de informações; terceiro, ao trabalho intensivo que são obrigados a dedicar às suas terras para suprir a falta de mão-de-obra assalariada; e quarto, a não participação em eventos agropecuários para os quais não se sentem motivados devido à falta de tempo, ao cansaço, à distância e à descrença de que seus problemas possam ser resolvidos.

No município de Guaratinguetá, em relação à influência dos vizinhos, nota-se que esta fonte é mais importante para o estrato 1 que para os demais estratos, sendo o único que apresenta percentual (16,1%) acima do verificado para o total do município (12,1%).

Quanto à Casa da Agricultura, observa-se que quanto maior a produção de leite, maior a proporção de produtores que obtém informação nesta instituição, isto é, enquanto no primeiro e no segundo estratos de produção o percentual fica em torno de 6% e 7% respectivamente, no terceiro estrato ele se aproxima dos 10%.

A cooperativa caracteriza-se por ser uma das principais fontes de informações em todos os estratos, principalmente no estrato 2 que apresenta percentual (28,6%) maior que o estimado para o total do município (24,2%).

Enquanto o rádio é um meio de comunicação praticamente insignificante para estes produtores com relação aos informes agropecuários, sendo citado apenas por produtores do estrato 3, (9,5%), a TV é um dos mais eficientes, principalmente nos estratos 1 (25,8%) e no 2 (28,6%). Há forte indício de que os principais programas de TV são os específicos à atividade agropecuária, segundo informação de

82,4% do total de produtores que citaram esta fonte.

Os dados da pesquisa indicam que o meio de comunicação mais acessível a esses produtores são os editados pela própria cooperativa, como a revista Balde Branco (48,2%) e Jornal da Cooperativa (33,3%) (quadro 8).

Em relação aos produtores de Cunha, tem-se que no estrato 1 o bom desempenho da produção do vizinho é o fator principal dentre as alternativas de sensibilizar os produtores à adoção de tecnologias (25,6%), vindo em seguida a televisão (23,2%), o jornal e a revista (23,2%). As fontes mencionadas, mas com baixa frequência, são a Casa da Agricultura (4,7%) e o rádio (4,7%) (quadro 9).

No estrato 2, tanto o vizinho quanto o jornal/revista são os meios mais utilizados de acesso a informação (ambos com 22,2%). Em sequência aparecem como fontes mais usadas a cooperativa e o rádio (18,5%). No estrato 3, a televisão com 30,0% de frequência é a fonte mais utilizada, sendo que as demais aparecem com 20,0%, (vizinho, cooperativa, jornal e televisão).

No município de Cunha, em relação ao total de produtores, os vizinhos (23,3%) tem uma maior importância relativa, seguido pelas informações de jornal e revista (22,2%) e televisão (21,1%). A cooperativa e o rádio tem ocupado posição secundária quanto a este aspecto. A Casa da Agricultura é o órgão menos requisitado em Cunha para adquirir novas informações.

Também em Cunha, à semelhança de Guaratinguetá, os programas de televisão específicos da área rural (87,5%) e o jornal (12,5%) são os mais citados. As publicações das cooperativas são os mais importantes meios de comunicação escrita, como o Balde Branco (51,6%) e o Jornal da Cooperativa (32,3%).

A comparação possível de se traçar da situação dos dois municípios e que enquanto em Guaratinguetá o vizinho, como fator de influência de adoção de novas tecnologias, situa-se

como a quarta alternativa citada, em Cunha é a primeira, indicando assim o maior peso relativo, em relação às demais fontes.

Os meios de comunicação jornal/revista são importantes nos dois municípios, constituindo-se na terceira alternativa mais citada em Guaratinguetá, (28,8%), e na segunda em Cunha (22,2%).

Se a televisão e a cooperativa têm a mesma proporção da citação em Guaratinguetá (24,2%), em Cunha, a TV tem um maior percentual que a cooperativa (21,1% e 18,9% respectivamente). Já o rádio e a Casa da Agricultura são as fontes de informação menos utilizadas, tanto em Guaratinguetá como em Cunha.

A grande maioria dos produtores de todos os estratos, tanto em Cunha quanto em Guaratinguetá, aprendeu a trabalhar junto aos pais. Geralmente, iniciando o contacto com a atividade, entre seis e dez anos, em função da necessidade de mão-de-obra na propriedade. Portanto, todo o seu aprendizado é realizado na prática cotidiana, segundo os conhecimentos do pai, que por sua vez, também aprendeu com seu antepassado.

A transmissão do conhecimento é repassada a cada geração que o coloca em prática, adequando-o, ou moldando-o conforme às exigências da atividade e da disponibilidade de recursos da sua época.

Na região considerada, se na primeira geração a produção de leite era praticamente para o consumo familiar, a segunda geração e parte ainda da primeira tiveram que, ao optar pela comercialização do produto, adaptar-se às exigências da cooperativa. Os atuais produtores fazem referências principalmente quanto ao aspecto fitossanitário, que antes não era alvo de preocupação por parte dos antigos.

Os cuidados com a complementação alimentar do gado com farelos, principalmente na seca, é a principal alteração da prática passada. Foi mo-

QUADRO 8.- Principais Fontes de Informações Agropecuárias Utilizadas pelos Produtores, por Estrato de Tamanho, Município de Guaratinguetá, Estado de São Paulo, 1988/89

Fonte	Estrato			Total
	1	2	3	
Vizinho	16,1	7,1	9,5	12,1
Casa da Agricultura	6,4	7,1	9,5	7,6
Cooperativa	22,6	28,6	23,8	24,2
Rádio	0	0	9,5	3,1
Televisão	25,8	28,6	19,1	24,2
Jornal/revista	29,1	28,6	28,6	28,8
Eventos agropecuários	0	0	0	0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 9.- Principais Fontes de Informações Agropecuárias Utilizadas pelos Produtores, por Estrato de Tamanho, Município de Cunha, Estado de São Paulo, 1988/89

Fonte	Estrato			Total
	1	2	3	
Vizinho	25,6	22,2	20,0	23,2
Casa da Agricultura	4,7	7,5	5,0	5,6
Cooperativa	18,6	18,5	20,0	18,0
Rádio	4,7	18,5	5,0	8,9
Televisão	23,2	11,1	30,0	21,1
Jornal/revista	23,2	22,2	20,0	22,2
Eventos agropecuários	0	0	0	0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

tivada em primeiro lugar pela escassez de pasto natural, consumido de forma intensiva; em segundo, pela facilidade de abastecimento na cooperativa. No entanto, dado o elevado preço destes insumos em relação ao preço do leite, há uma tendência a abandonar ou a diminuir esta prática.

A introdução do capim braquiária também tem sido significativa na região, pois, segundo os produtores esta variedade de pastagem é mais resistente que as outras disponíveis na região. No entanto, apesar de bastante representativa o cultivo de braquiária é limitado, segundo eles pelo alto custo da semente e pela dificuldade em substituir este tipo de pastagem por outras culturas.

Indagados sobre como tomaram conhecimento das variedades, em geral, afirmam ter acompanhado o desempenho nas terras vizinhas. O efeito demonstração de propriedades próximas parece ser, segundo os depoimentos, a forma mais eficaz de transferência de conhecimento.

É comum a observação da parte dos técnicos que trabalham junto aos produtores, do forte enraizamento das formas tradicionais de trabalho entre alguns segmentos de produtores, principalmente entre os chamados pequenos. Com o objetivo de verificar este comportamento levantamos quais as principais fontes de informações a que os produtores tem acesso.

Os dados da pesquisa mostram que no total dos produtores amostrados em Guaratinguetá, as fontes mais utilizadas são: jornal e/ou revista (28,8%), TV (24,2%), contacto direto com técnicas ou produtores na Cooperativa (24,2%), contacto com a vizinhança (12,1%) e Casa da Agricultura (7,6%) (quadro 8).

6- CONDIÇÃO E EXPECTATIVA DE PRODUÇÃO DOS ATUAIS PRODUTORES

Dado em linhas gerais o processo de constituição e aprendizado dos atuais produtores, cabe levantar

como eles se avaliam e como pretendem direcionar as suas atividades.

6.1 - Fonte de Renda

Apesar de todos os produtores entrevistados terem em comum a produção de leite, este produto tem diferentes pesos na renda auferida pela família nos distintos estratos de produção dos dois municípios.

Em Guaratinguetá, no primeiro estrato, 56,2% dos produtores vivem basicamente da produção de leite 25,0% de outras atividades agropecuária e 18,8% de atividade urbana (quadro 10).

No segundo estrato, nenhum produtor auferir renda com outras atividades agropecuárias senão com o leite (66,7%). Em contrapartida, a renda urbana também é relevante para 33,3% dos produtores. Estes dois índices são os mais altos dentre os estratos.

O terceiro estrato tem o leite como renda principal para 40,0% dos produtores. É o grupo com menor dependência deste produto e, conseqüentemente, é o que apresenta o maior percentual de participação de outra atividade agropecuária e de atividade urbana na renda do produtor (20% e 40% respectivamente).

Neste particular, percebe-se que, quanto maior a produção, maior a proporção de produtores que vivem do trabalho urbano. Este fato tem relação direta com a proporção de pessoas que moram na cidade, que é maior no 3º estrato.

No município de Cunha, a produção de leite tem peso relativo maior, principalmente no estrato 1 em que 75,0% dos produtores a tem como renda principal. As outras atividades agropecuárias e a atividade urbana, ambas com 12,5%, são pouco relevantes (quadro 11).

Nos estratos 2 e 3, a maioria ainda depende basicamente da renda do leite (62,5% e 70,0% respectivamente). No entanto, as outras atividades agropecuárias tem maior importância que no estrato 1 (25,0% e 20,0%). O trabalho

QUADRO 10.- Fonte Principal de Renda dos Produtores de Leite, por Estrato de Tamanho, Município de Guaratinguetá, Estado de São Paulo, 1988/89

Fonte de renda	Número			Percentual				
	1	2	3	Total	1	2	3	Total
Leite	9	4	4	17	56,2	66,7	40,0	53,1
Outra atividade agrícola	4	0	2	6	25,0	0,0	20,0	18,8
Outra atividade urbana	3	2	4	9	18,8	33,3	40,0	28,1
Total	16	6	10	32	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 11.- Fonte Principal dos Produtores de Leite, por Estrato de Tamanho, Município de Cunha, Estado de São Paulo, 1988/89

Fonte de renda	Número			Total	Percentual			
	1	2	3		1	2	3	
Leite	12	5	7	24	75,0	62,5	70,0	70,6
Outra atividade agrícola	2	2	2	6	12,5	25,0	20,0	17,6
Outra atividade urbana	2	1	1	4	12,5	12,5	10,0	11,8
Total	16	8	10	34	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados de pesquisa.

urbano também é pouco representativo (12,5% e 10,0%).

A comparação dos dados evidencia que a atividade leiteira, especificamente, e a atividade agrícola, em geral, são bastante importantes nos dois municípios. No entanto, tais atividades tem pesos bastante diferenciados: em Guaratinguetá, 53,1% dos produtores vivem basicamente do leite e 18,8% têm como renda principal outras atividades agropecuárias totalizando 71,9%. Em Cunha, a produção de leite é fundamental para 70,0% dos produtores, enquanto as outras atividades agropecuárias são essenciais e 17,6% resultando num total de 88,2%, percentual superior ao do outro município.

A renda urbana, portanto, é proporcionalmente mais importante para os produtores de Guaratinguetá (27,3%) do que para os de Cunha (11,8%).

É unânime no discurso de todos os entrevistados que a situação atual dos produtores de leite C é bastante difícil. São referências comuns em seus depoimentos que "o leite não dá quase nada, o lucro de quem tira leite é a criação de bezerras" ou "...o dinheiro do leite, na prática, é para o custeio, para a despesa..." "não está compensando, o custeio quando o leite sobe um pouquinho, a manutenção sobe mais ainda, farelo e remédio sobe muito, é duro se manter".

Pelos depoimentos percebe-se, portanto, que os produtores no máximo conseguem pagar as despesas para continuar com a atividade; as manifestações pessimistas dos produtores vêm corroborar com as análises realizadas pelas cooperativas que vêm divulgando e alertando sistematicamente as autoridades competentes da defasagem existente entre o preço e o custo de produção de leite C.

Esta situação deficitária é comprovada pela pesquisa realizada por PIVA (7) que constata em relação ao custo de produção do leite C. "Esses resultados indicam que a rentabilidade quando existe é muito baixa, uma vez que nas propriedades pesquisadas, o

resíduo para remunerar fatores fixos na maioria dos casos apresentou-se negativa, isto é, o seu custo operacional é mais alto do que a renda obtida e portanto, a curto prazo, com prejuízo". E ainda alerta que "Nessas condições econômicas, nos níveis estimados de preços e custos sem resíduo, os produtores se encontram desestimulados a investir na melhoria da produtividade".

6.2 - Permanência na Atividade

Frente à essa situação é importante apontar as razões do porque persistem nessa atividade.

Em Guaratinguetá, o estrato 1 é o grupo que apresenta os mais variados argumentos para justificar a permanência na terra, quais sejam: a renda contínua que esta atividade proporciona (33,3%). "O leite é a renda que a gente tem... se a gente não gastar muito já tem uma rendinha... vai fazendo para comer"; razões familiares, como ser o filho mais velho, ou o último filho homem solteiro que ficou responsável de cuidar das terras para a mãe, em geral viúva (25,0%), "Eu não casei e todos meus irmãos saíram daqui e eu fiquei por derradeiro... porque tem a minha mãe para cuidar"; o fato de estar habituado à atividade, por tradição e/ou por gosto (16,7%). "A gente mantém porque a gente já começou, já veio lidando assim... enquanto eu puder eu fico..." ou "eu gosto (da atividade) e a gente não sabe fazer outra coisa"; e por lazer (16,7%), "a atividade contrária ao serviço urbano que desenvolvo" (quadro 12).

No estrato 2, há consenso de que os produtores continuam por tradição (100%). No estrato 3, as justificativas para a permanência na atividade são: estar habituado com o tipo de trabalho (60,0%), por permitir uma renda mensal constante 40,0%. No estrato 1, o fato de obter uma renda é mais importante que os outros fatores, enquanto que nos dois outros estratos, a tradição é a causa mais forte para

QUADRO 12.- Motivos de Persistência na Atividade Leiteira, por Estrato de Tamanho, Município de Guaratinguetá, 1988/89

Motivo	Número			Total	Percentual			Total
	1	2	3		1	2	3	
Familiar	3	0	0	3	25,0	0,0	0,0	11,1
Tradição/hábito	2	5	6	13	16,7	100,0	60,0	48,2
Renda mensal	4	0	4	8	33,3	0,0	40,0	29,6
Lazer	2	0	0	2	16,7	0,0	0,0	7,4
Abandono de atividade	1	0	0	1	8,3	0,0	0,0	3,7
Total	12	5	10	27	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

justificar a permanência na atividade. Em todos os estratos de produção do município de Cunha, há uma grande concentração de produtores que alegam preservar a tradição, forte principalmente no estrato 3 (42,8%) e no 1 (30,8%). Mas o principal motivo que os fazem permanecer na atividade leiteira ainda é a possibilidade de obter uma renda mensal sendo tal motivo marcante entre os produtores de menor produção (quadro 13).

6.3 - Mudança de Atividade

A principal razão alegada para o abandono da atividade leiteira, refere-se ao alto custo da produção, que não é coberto pelo preço pago pelo leite. Em decorrência, alguns produtores acabam partindo para outros tipos de atividades, no campo, preferencialmente para a pecuária de corte, e no meio urbano para o comércio ou serviços.

Em relação ao total dos produtores amostrados, o percentual de abandono da atividade foi de 12,5% em Cunha e de 3,7% em Guaratinguetá, no período compreendido entre o início da pesquisa e a realização das entrevistas.

Estes baixos percentuais refletem as dificuldades encontradas pelos produtores entrevistados em mudar de atividade.

No caso daqueles produtores que manifestaram a vontade de passar a trabalhar com lavoura ou hortaliças, os principais fatores limitantes são a escassez de mão-de-obra e a dificuldade na comercialização do produto.

Neste sentido, a atividade leiteira I mais viável ao pequeno produtor pois demanda menos mão-de-obra e conta com a comercialização já organizada, pois mesmo em pequenas quantidades tem o escoamento garantido, dada principalmente a existência da cooperativa.

Contribui ainda a criação de bezerros que é um importante componente na renda dos produtores, que vendem

parte da produção em períodos, principalmente da entressafra.

A pecuária de corte seria a opção de mudança mais fácil para os produtores de leite. No entanto, esta atividade esbarra no tempo necessário para a engorda, ou seja, o produtor precisaria dispor de um capital para manter a atividade e a família, durante este tempo, como teria que dispor de área de pastagem suficiente para manter um rebanho economicamente rentável.

6.4 - Expectativas do Produtor

Em ambos os municípios registra-se a existência de produtores que declaram desejar fazer algum tipo de investimento afim de aumentar a produção de leite. Quando possível, as formas mais frequentes de investimento, segundo eles, são: aumentar ano a ano a área de pastagem, principalmente com braquiária e aumentar e melhorar o rebanho, com aquisição de touros de melhor qualidade. É interessante notar que apesar de conceberem a terra como fator importante na produção, essa é considerada tão inatingível, dado o seu elevado preço, que uma eventual compra sequer é aventada.

Um dado importante, ainda a respeito da perspectiva futura, é que os produtores de leite não vislumbam produzir leite B. Indagados a respeito, por este se constituir teoricamente um patamar a ser atingido para aumentar a renda, os entrevistados alegaram não ser interessante por demandar mais mão-de-obra, por haver dificuldades junto à cooperativa para que toda a produção seja aceita como leite B, e pela necessidade de investimento, considerado elevado, em infra-estrutura.

Para eles é mais interessante elevar a produção de leite C, apesar de que, conforme declara um dos entrevistados, na atual situação a produção só é rentável enquanto a mão-de-obra familiar estiver envolvida, e se utilizar do trabalho assalariado, somente

QUADRO 13.- Motivos de Persistência na Atividade Leiteira, por Estrato de Tamanho, Município de Cunha, Estado de São Paulo, 1988/89

Motivo	Número			Percentual				
	1	2	3	Total	1	2	3	Total
Familiar	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0
Tradição/hábito	4	1	3	8	30,8	25,0	42,8	33,3
Renda mensal	8	2	3	13	61,5	50,0	42,8	54,2
Lazer	0	0	0	0	0,0	0,0	0,0	0,0
Abandono de atividade	1	1	1	3	7,7	25,0	14,4	12,5
Total	13	4	7	24	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

nas épocas de maior necessidade.

Portanto, a prática cotidiana destes produtores está sendo encaminhada para a continuidade da produção de leite pelo menos para esta atual geração de chefes de família.

No entanto, a maioria dos produtores tem a expectativa de que seus filhos não continuem na atividade. Considerando-se as informações, e excluindo-se os que declararam não ter filhos e os que não informaram, tem-se os seguintes dados em Guaratinguetá, nos estratos 1 e, principalmente, no 3 a proporção de produtores que afirmam não querer o filho dependendo de uma renda no meio rural é bastante significativa, 58,3% e 88,9%, respectivamente. No estrato 2 há uma divisão equitativa entre os que desejam que os filhos continuem a tradição e os que desejam um futuro diferente para eles (quadro 14).

Em Cunha, de modo geral, ocorre o mesmo fenômeno, com exceção do estrato 1 onde o percentual dos que desejam que os filhos fiquem na atividade é maior (58,3%). Tanto no estrato 2 quanto no 3, a grande maioria (75,0%) manifesta desejar um futuro melhor para os filhos, fora do meio rural (quadro 15).

A comparação dos dados para os dois municípios mostra que, em Guaratinguetá é maior a proporção de produtores que desejam que os filhos não permaneçam na produção de leite (66,7%). Deve-se atentar, no entanto, para o fato de que, nas duas localidades, a maioria deseja que as próximas gerações abandonem a tradição e passem a trabalhar em outro ramo de atividade.

Ao manifestar a esperança de que os filhos não tenham o mesmo destino de muito trabalho e pouca remuneração, os produtores não explicitam qual atividade prefeririam que os filhos se dedicassem. Mas declaram o desejo de que, os filhos estudem para que tenham uma vida mais fácil. O estudo é o canal que irá permitir a inserção dos filhos no mercado de, traba-

lho urbano.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As difíceis condições de vida destes produtores justificam a resistência em relação a alguns itens considerados importantes para os técnicos do setor.

No que se refere à adoção de tecnologia, as entrevistas realizadas mostram que a evolução tecnológica desta parcela de pequenos produtores tem ocorrido de forma bastante lenta.

Esta ausência de dinamismo deve-se a vários fatores: 1) pela situação economicamente deficitária, 2) pelo isolamento em que vivem, que não propicia a reciclagem de informações, 3) ao trabalho intensivo que são obrigados a dedicar às suas terras para suprir a falta de mão-de-obra e 4) pela não participação efetiva nas associações agropecuárias, dada a desmotivação resultante da descrença que seus problemas possam ser solucionados, por esta via.

Diante desta situação é comum a observação de forte resistência à adoção de inovações na atividade, por parte destes produtores. A pesquisa levantou que as principais fontes de informações são jornais e revistas, editados pela Cooperativa Paulista de Laticínios.

Nos contactos diretos com o produtor, a forma mais citada de indução às mudanças, origina-se das adoções introduzidas com sucesso pela vizinhança. Esta prática é usual principalmente em Cunha, entre os entrevistados de menor produção, devido à maior dificuldade de contacto com outros veículos de comunicação.

A cooperativa através dos seus veículos escritos de comunicação e através dos contatos diretos com o produtor, desempenha importante papel na difusão das inovações na atividade agropecuária.

No decorrer deste trabalho ficou evidente a importância que assume a cooperativa para os produtores de

QUADRO 14.- Expectativa de Continuidade do Trabalho Familiar na Atividade Leiteira, por Estrato de Tamanho, Município de Guaratinguetá, Estado de São Paulo, 1988/89

Resposta	Número			Percentual				
	1	2	3	Total	1	2	3	Total
Sim	5	3	1	9	41,7	50,0	11,1	33,3
Não	7	3	8	18	58,3	50,0	88,9	66,7
Total	12	6	9	27	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 15.- Expectativa de Continuidade do Trabalho Familiar na Atividade Leiteira, por Estrato de Tamanho, Município de Cunha, Estado de São Paulo, 1988/89

Resposta	Número			Percentual				
	1	2	3	Total	1	2	3	Total
Sim	7	1	2	10	58,3	25,0	25,0	41,7
Não	5	3	6	14	41,7	75,0	75,0	58,3
Total	12	4	8	24	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

leite C, enquanto elemento que possibilita a comercialização de sua produção; o acesso à assistência agropecuária e às informações pertinentes; a aquisição de equipamentos e de outros produtos destinados à produção, além da compra de determinados bens de consumo para sua família. Neste sentido a cooperativa vem se configurando para esses produtores, por um lado, como núcleo central de intermediação e de referência com o mercado e, por outro lado, como meio alternativo ao Estado em termos de extensão rural, dada a deficiência estrutural das instituições estatais.

Por outro lado, em uma primeira análise dos dados coletados na pesquisa, verifica-se que boa parte destes produtores, ao longo do tempo, não vem obtendo o suporte de recursos necessários para o alcance de um patamar mais elevado da produção, o que acaba por comprometer a possibilidade de melhora de suas condições de vida. Em consequência, uma parte de tais produtores busca a complementação da renda através do trabalho assalariado na cidade ou no campo e outra parte abandona a atividade leiteira, voltando-se para as oportunidades que surgem no meio urbano, ou ainda, cuidando de desenvolver a pecuária de corte ou algum tipo de cultura mais rentável.

Em paralelo a isso, não ocorre com grande parte destes pequenos produtores uma interação maior com a organização e o processo de gestão cooperativa. Pois, poucos são aqueles que apreendem sua dimensão e o seu mecanismo de funcionamento, seja por desconhecimento, ou má compreensão.

Como resultado permanecem à margem do processo de tomada de decisão no âmbito da cooperativa e assumem uma postura aparentemente passiva ante às diretrizes adotadas, não tendo sido registradas informações sobre ocorrências de movimentos contestatórios ou reivindicatórios dessa categoria de produtores dentro da entidade.

No entanto, isso não quer dizer que o descontentamento inexistia; ao contrário, ao nível do discurso individual de boa parte desses produtores, a insatisfação é manifestada principalmente com relação aos preços dos produtos vendidos pela cooperativa e aos descontos mensais que ela efetua no pagamento que lhes é devido.

Frente à essa conjuntura, a pesquisa levantou os motivos que os levam a permanecer na atividade leiteira. As razões alegadas são principalmente por tradição e hábito e/ou pela possibilidade de obtenção de uma renda mensal, que eles denominam de "salário", que permite, mesmo que precariamente continuar na atividade. Considere-se, no entanto, que esta renda proveniente do trabalho não remunerado de toda a família.

Todos os elementos levantados na pesquisa leva à conclusão que há uma tendência das próximas gerações abandonarem a atividade. Nos dois municípios, a maioria dos produtores não deseja que seus filhos continuem na atividade. "Se eu tivesse condição deixava eles ficar, eu queria que eles procurassem um jeito de viver mais fácil, "na cidade tem todo o conforto e na roça já tá tudo sacrificado. Se a gente tem que viajar e não tem condução tem que ir à pé, a cavalo e na cidade o conforto ajuda muito a pessoa a viver...".

A reversão deste processo só será possível se houver uma política global que permita melhor remuneração e capitalização da atividade via elevação da produtividade. Esta medida, além de possibilitar a reprodução e a fixação da mão-de-obra familiar na terra, resultará na elevação da produção de leite.

Para atingir tais objetivos, além da vontade política do Governo, é fundamental o trabalho de extensão rural, na orientação destes produtores, considerando-se, é claro, as características peculiares deste público a

ser atendido.

LITERATURA CITADA

1. COCHRAN, William G. Sampling techniques. New York, John Wiley & Sons, 1960. 330p.
2. FLEURY, Maria T.L. Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil. São Paulo, Global, 1983 152p. (Teses, 11)
3. MELLO, Nilda T.C. A pecuária leiteira no Estado de São Paulo: perfil técnico-econômico das empresas no Vale do Paraíba. São Paulo, FEA/USP, 1981. 145p. (Tese-Mestrado)
4. MULLER, Geraldo. Cotrijui: tentativa de criação de um conglomerado de capital nacional. In: LOUREIRO, Maria R. org. Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil. São Paulo, Cortez, 1981. p.97-132.
5. OTANI, Malimiria N.; FRANCA, Tere-
zinha J.; BARROS, Fátima R. Aspectos da formação dos produtores de leite C no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo. Agricultura em São Paulo, SP, 38(1): 155-191, 1991.
6. . Perfil sócio-econômico dos pequenos produtores de leite C no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo. Agricultura em São Paulo, SP, 38(2): 181-201, 1991.
7. PIVA, Luiz H. de O. et alii. Estrutura produtiva e situação da pecuária leiteira no Estado de São Paulo. Agricultura em São Paulo, SP, 35(2): 35-65, 1989.
8. TOLEDO, Yuly I.M. et alii. Características da pequena produção leiteira na Delegacia Agrícola de Guaratinguetá, Estado de São Paulo. Campinas, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI, 1987. 18p. (Documento Técnico, 72)